

## Aluízio Bezerra Coutinho

### Um cientista a serviço da arquitetura racionalista

#### Geraldo Gomes da Silva

Arquiteto, professor adjunto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Artes e Comunicações da Universidade Federal de Pernambuco, professor *honoris causa* da Universidade Federal do Pará, Av. Prof. Moraes Rego, 1235, Cidade Universitária, CEP 50670-420, Recife, PE, (81)2126-8771, ggomess@uol.com.br

Três pernambucanos se destacaram na historiografia da arquitetura moderna brasileira na década de 20 do século XX.

Um deles, o médico José Mariano Carneiro da Cunha Filho (Pernambuco, 1881, Rio de Janeiro, 1946), foi um ardoroso defensor do resgate da tradição luso-brasileira do período colonial, buscando uma expressão formal nacional para se contrapor ao ecletismo e modernismo internacionalistas contemporâneos. Cabe-lhe também o mérito de ter lutado por uma arquitetura que fosse mais coerente com o clima do país, embora não tenha desenvolvido suficientemente essa idéia.

Um outro pernambucano, o engenheiro Alde Sampaio (1894-1987), chegou a publicar um artigo intitulado "A Casa Tropical"<sup>1</sup>, no qual estudava os problemas de insolação e de orientação das casas no clima tropical. Alde Sampaio simplificava suas recomendações com dois princípios:

*"Guerra ao Sol e às irradiações e reverberações laterais."*

*"Franquia ao vento e livre aeração."*<sup>2</sup>

Para esse engenheiro as questões estéticas em discussão naquela época não eram tão importantes, mas optou pela conciliação que julgava possível e até desejável entre os grupos que se confrontavam: os modernistas e os tradicionalistas. Sampaio afirmava então que

*"independentemente de um ou outro grupo e apreciando somente as suas qualidades que se poderiam chamar de físicas, com relação ao nosso meio, pode-*

*se dizer que a feição dada às construções coloniais é largamente aproveitável para estudos dos arquitetos modernos"*.<sup>3</sup>

Um outro médico, Aluízio Bezerra Coutinho (1909-1997), foi quem percebeu, com maior clareza, os novos rumos da discussão teórica sobre a arquitetura moderna.

Bezerra Coutinho formara-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1930 e apresentou, no fim do seu curso, uma tese, naquele tempo opcional, segundo ele mesmo,<sup>4</sup> de doutoramento. Em primeiro lugar, não existia a figura do orientador, o que valoriza mais ainda a autoria de Bezerra Coutinho.

A tese, com setenta páginas pequenas (aproximadamente trinta laudas), foi impressa às custas do seu autor, não obedece, formalmente, aos procedimentos hoje julgados imprescindíveis, tais como fundamentação teórica, método e bibliografia, mas tem um conteúdo inédito e conclusões brilhantes.

Setenta e três anos depois de sua publicação, a tese de Bezerra Coutinho, pela sua objetividade, clareza e frescor, e suficientes referências bibliográficas, revela-se como um documento que não poderia continuar desconhecido dos estudiosos brasileiros.

Como médico, a preocupação natural de Coutinho era com a higiene da habitação, objeto de estudo que partilhava com os engenheiros sanitaristas que o precederam no século XIX. Mas, assim como os engenheiros, Bezerra Coutinho também se preocupava com o urbanismo moderno, como demonstrou através de um artigo que escreveu para a revista

1. *Boletim de Engenharia*, Recife, ano 5 n. 1, v. 3, out. 1927.

2. *Idem*, p. 32.

3. *Ibidem*, p. 38.

4. Entrevista concedida ao autor em 29/6/1988.

5. *Agitação*, revista de cultura. Editada pelo Grupo Agitacionista da Faculdade de Direito do Recife. Recife. n. 2/3, fev. 1932.

6. Todas as informações pessoais deste parágrafo foram extraídas da entrevista já citada.

7. *Idem*.

8. BEZERRA COUTINHO, A. *O problema da habitação higiênica nos países quentes em face da "Arquitetura Viva"*. 1930. Tese (doutorado) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

9. *Idem*, p. 6.

*Agitação*, editada no Recife em fevereiro de 1932, sob o título "Idéias sobre um Recife de amanhã".<sup>5</sup> Neste artigo Bezerra Coutinho elege a circulação de veículos como um dos principais problemas do Recife e lança a idéia de bairros-satélites, mostrando inteira familiaridade com as idéias contemporâneas sobre um urbanismo moderno, declarando sua irrestrita aprovação ao *Plano Voisin*, 1925, de Le Corbusier (1887-1965), para Paris.

O interesse de Coutinho pela arquitetura pode ser explicado pelo seu passado como estudante de Medicina no Rio de Janeiro, convivendo com intelectuais do *Movimento Modernista* e discutindo as novidades que chegavam de São Paulo. Encontros nas livrarias, reuniões com os demais sócios de um *Clube Charlie Chaplin*, eram as atividades que punham Coutinho a par das idéias das vanguardas intelectuais. Artistas plásticos, segundo Coutinho, não faziam parte deste grupo. "Havia mais literatos, críticos de arte, críticos de literatura, historiógrafos", contava Coutinho. Mas os assuntos discutidos nessas rodas eram arte, cinema e política. "Nós éramos, sobretudo, esquerdistas", afirmava Coutinho, que também citava o "pessoal da *Revista da Antropofagia*" e assinalava a predominância de anarquistas no grupo.<sup>6</sup>

Dentre as novidades que chegavam de São Paulo constava a primeira *casa modernista* de Warchavchik (1896-1972), muito comentada pelo grupo. Bezerra Coutinho contava que, para entender melhor a casa do emigrante russo, freqüentou a Biblioteca Nacional, "que possuía uma excelente coleção de obras de Le

Corbusier". Coutinho conta que consultou números do almanaque *L'Esprit Nouveau* e *Vers une architecture*, prováveis fontes em que se inspirou para formular suas idéias sobre arquitetura e suas propostas para uma "habitação higiênica em países quentes".<sup>7</sup>

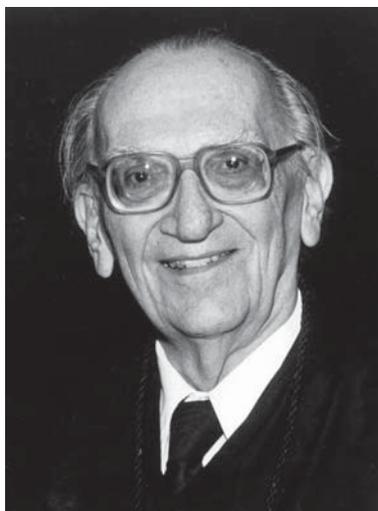
Coutinho acreditava que as novas técnicas e materiais de construção permitiriam a "revisão das funções de cada parte dos edifícios" e também atribuía à independência das estruturas de aço e de concreto armado a liberdade de tratamento dos muros, a partir de então, meros septos aos quais se poderia dar o tratamento adequado aos objetivos funcionais, como destaque para o conforto ambiental.<sup>8</sup>

Lucio Costa (Toulon, 1902, Rio de Janeiro, 1998), posteriormente, desenvolveria sua teoria sobre a arquitetura moderna, lastreado na mesma constatação de Coutinho sobre a independência das estruturas.

Entusiasmado com os novos materiais, saudava com esperança os "betons celulares de invenção dinamarquesa", por seu peso reduzido, porosidade e permeabilidade à circulação do ar.<sup>9</sup>

Através de cálculos e gráficos, Bezerra Coutinho analisa a umidade do ar em combinação com a sua temperatura e conclui pela necessidade de seu movimento como condição necessária e essencial para a sensação de conforto ambiental nos trópicos.

Foto: Aluizio Bezerra Coutinho.



10. *Idem*, p. 7.

11. *Idem*, p. 13.

12. *Idem*, p. 8.

13. Autores citados por Bezerra Coutinho em sua tese de doutoramento. Na mesma tese existe somente uma referência bibliográfica a dois desses autores: Bernard et Laboussiére. *Les constructions coloniales*. Segundo Hugo Segawa, H. Dessoliers é autor do livro *De L'Habitation dans les Pays Chauds: Contribution à L'Art de l'Acclimatation*, publicado em Alger, em 1882. Ainda segundo Segawa, na página de rosto do livro ele é identificado como *Ingénieur des Arts et Manufactures*.

14. Artíficos usados por Laboussiére e Bernard, segundo Bezerra Coutinho, em sua tese de doutoramento, p. 52.

15. A provável inspiração do *bungalow* anglo-indiano no tipo de arquitetura oriundo de Bengala, na Índia, daí o nome *bengalore*, que se anglicizou em *bungalow*, é defendida na minha tese de doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 1990, e no meu livro *Engenho e Arquitetura*, publicado pela Fundação Gilberto Freyre, no Recife, em 1998.

16. Tese, p. 64.

17. Tese, p. 67.

18. Fonte: entrevista de 1988.

19. Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1933.

Coutinho não aposta somente nas novas técnicas mas também na industrialização quando afirma que “o elemento estandardizado realiza sua perfeição”.<sup>10</sup> Manuseando com habilidade os conceitos de *tipo* e *standard*, tece considerações brilhantes sobre a adequação do iglu esquimó à escassez de materiais e aos rigores climáticos. A exemplo do iglu, esse *tipo standardizado* seria o paradigma para a habitação nos países quentes. “O hemisfério de neve casa perfeitamente sua silhueta com a paisagem polar”, declara Coutinho.<sup>11</sup>

Quando Coutinho faz as recomendações que julga essenciais para a habitação nos trópicos, o faz com um enfoque modernista, sem dúvida, pois, embora não seja iconoclasta como Adolf Loos, que condenava o ornamento como um crime, tem uma postura mais ética do que estética quando afirma “que a impressão de beleza é a síntese de todas as impressões favoráveis que o indivíduo percebe. Somente a justa satisfação de todas as suas exigências, psíquicas ou físicas, pode determinar semelhante estado de espírito”.<sup>12</sup>

Bezerra Coutinho não foi um inventor, mas soube assimilar dos poucos autores que se dedicaram ao tema (Dessoliers, Laboussiére e Bernard)<sup>13</sup> artíficos construtivos de custo baixo e de eficiência comprovada. Alguns parecem ingênuos, como o plantio de árvores divergentes formando corredores que conduziriam o ar às fachadas abertas das habitações, ou a colocação de janelas alinhadas em paredes opostas com o mesmo objetivo de canalizar o ar. Coutinho preconizava o “vento encanado”, justamente aquilo de que mais fugiam os nossos colonizadores portugueses nos sobrados urbanos.

Os trópicos foram *descobertos* pelos europeus no século XIX, quando dividiram entre si o território do continente africano para exploração econômica de seus recursos naturais. Centenas de europeus teriam de viver na África, num clima que lhes era adverso. A habitação confortável para os europeus passou a ser um problema com várias alternativas de solução.

Segundo Coutinho, os meios conhecidos por Laboussiére e Bernard para atenuar o aquecimento do interior de suas novas moradas consistiam em

isolá-las do exterior com paredes grossas ou com paredes duplas.

As paredes duplas, constituídas de lâminas corrugadas ou estampadas de ferro, por serem menos pesadas, poderiam ser pré-fabricadas e foram vendidas em todo o mundo no século XIX. O ar que existe no interior destas paredes, aquecido pela parede externa em contato com o Sol, sobe e sai por orifícios sob os beirais do telhado, criando, assim, um movimento ascensional contínuo, sem consumo de qualquer tipo de energia, e contribui para diminuir a temperatura no espaço interno das casas. “Além do emprego de duplos septos, os edifícios serão circulados de largas e amplas varandas, terraços, que constituem verdadeiros aposentos abertos largamente ao ar”,<sup>14</sup> o que viria a se constituir num tipo (*o bungalow* anglo-indiano) bastante difundido por ingleses, franceses e belgas na África, na Ásia e na América Latina.<sup>15</sup>

As propostas de Coutinho para a casa higiênica tinham, também, um componente social significativo, coerente com os ideais revolucionários dos nomes de vanguarda da arquitetura moderna. Para o médico pernambucano, “a casa mínima deveria ser colocada fora da questão financeira, de possibilidade de lucro monetário. Não é um negócio a realizar, porém um dever social a cumprir”. O caminho apontado por Bezerra Coutinho para o cumprimento desse *dever social* era a “produção em usina da maior parte possível de elementos para obter a redução do custo”.<sup>16</sup> Este não foi o caminho trilhado no Brasil.

Mas não era somente a casa mínima mais barata que Coutinho queria destinar ao operário brasileiro, pois “a habitação higiênica, no sentido mais lato do termo, para o operário, é uma necessidade social que está exigindo uma solução imediata”.<sup>17</sup>

A tese de Bezerra Coutinho, segundo ele mesmo,<sup>18</sup> teve muito pouca repercussão quando foi publicada em 1930, mas convém lembrar que ele tinha, então, 21 anos de idade e imprimiu 360 exemplares (a tiragem mínima que a gráfica aceitava) que distribuiu aleatoriamente. Note-se, contudo, que ela antecede a primeira edição de *Sobrados e Mucambos*,<sup>19</sup> em que Gilberto Freyre (1900-1987), como Bezerra

Coutinho já observara, destacava os valores ecológicos do mucambo nordestino: casebre popular construído com paredes de taipa de pau-a-pique e coberto com palha de coqueiro.

Coutinho voltou para o Recife em 1931 para exercer sua profissão, e ali conviveu com dois arquitetos que contribuíram para a introdução da arquitetura moderna em Pernambuco:<sup>20</sup> o mineiro Luiz Nunes (1909-1937) e o italiano Mario Russo (Nápoles, 1917-1996).

O arquiteto mineiro, da mesma idade de Coutinho, conheceu e se interessou pela tese deste e chegou a tê-lo como colaborador na definição do programa de atividades do laboratório do Hospital da Brigada Militar de Pernambuco, uma das principais obras da Diretoria de Arquitetura e Construção em 1934.<sup>21</sup>

O convívio de Bezerra Coutinho, já professor universitário, com o arquiteto italiano Mario Russo iniciou-se com a chegada deste ao Recife, em 1949, a convite do reitor da então Universidade do Recife, para elaborar o plano urbanístico da Cidade Universitária. Mario Russo projetou, ainda, no campus universitário, o Instituto de Antibióticos, a Faculdade de Medicina e o Hospital das Clínicas. Tanto o plano urbanístico como os citados edifícios projetados por Mario Russo podem ser considerados bons exemplares do racionalismo modernista.

Não há evidência de continuidade da discussão das idéias desenvolvidas por Bezerra Coutinho, em Pernambuco, por longo período de tempo.

A história da arquitetura não se faz somente de obras. Algumas das idéias sobre arquitetura nunca foram realizadas, como, por exemplo, o *Plano Voisin* de Le Corbusier para Paris, mas ainda hoje é discutida. As idéias do arquiteto Luiz Nunes sobre standardização caíram no esquecimento e mesmo a sua obra construída em Pernambuco, na década de 30 do século XX, só teve o seu valor reconhecido pelos pesquisadores brasileiros trinta anos depois.

Bezerra Coutinho não era um médico comum, era um cientista com vários trabalhos publicados na sua área específica e com especulações, contestações e contribuições brilhantes em outras áreas de conhecimento, como a arquitetura e o urbanismo.

Considerando o seu convívio com arquitetos de vanguarda, não é de se estranhar, portanto, que suas idéias sobre arquitetura, tão claras e objetivas, tenham sido assimiladas, consciente ou inconscientemente, e desenvolvidas.

Em 1963, no Serviço Social Contra o Mucambo, órgão do Governo do Estado de Pernambuco, o arquiteto Acácio Gil Borsoi (1924) projetou e chegou a construir um protótipo de casas que não eram mais do que mucambos projetados com a maior racionalidade possível, com o mesmo sistema construtivo de domínio popular e que seriam construídas num conjunto habitacional com outros serviços comuns. Essa experiência inédita não chegou a ser testada em decorrência do golpe militar de 1964 e entrou somente na história das idéias.

Em 1976, o arquiteto Armando de Holanda (1940-1979) publicou um *Roteiro para construir no Nordeste, arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados*,<sup>22</sup> em que, sem referir-se à tese de Bezerra Coutinho, resgata e desenvolve, com brilho, algumas das idéias do ilustre médico.

Não resta dúvida alguma de que os melhores arquitetos de Pernambuco usaram os conceitos emitidos, de forma pioneira, por Bezerra Coutinho, conscientemente ou não. Quando Luiz Nunes, que conviveu com Bezerra Coutinho, usou extensos panos de parede vazados e constituídos de *combogós* (invenção pernambucana e que se constitui de elementos construtivos de cimento e areia com 0,50 m x 0,50 m com orifícios quadrados de 0,05 m x 0,05 m), nada mais estava fazendo do que permitir o movimento do ar através do edifício, princípio básico de conforto, segundo o cientista pernambucano.

A utilização de artifícios arquitetônicos para permitir conforto ambiental, na realidade, foi uma marca da nossa arquitetura nas décadas de 1940 a 1960. Alguns arquitetos brasileiros agregaram à eficácia de alguns desses artifícios, como os *brise-soleil*, formas que, afinal, passaram a ser responsáveis pela fruição estética do edifício. Talvez Bezerra Coutinho não tenha contado com isso, mas com certeza estará satisfeito com a maneira pela qual seus discípulos, voluntários ou não, desenvolveram as idéias do primeiro.

20. Os contatos de Bezerra Coutinho com os arquitetos citados foram narrados em sua entrevista de 1988.

21. Informações contidas na mesma entrevista de 1988.

22. Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Recife, 1976.